

Estudos e práticas de Catalogação na Itália: a experiência de Lucia Sardo

Cataloging studies and practices in Italy: the experience of Lucia Sardo

Zaira Regina Zafalon

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Marília, SP, Brasil; Docente do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.

E-mail: zaira@ufscar.br

Marcia Regina da Silva

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil; Professora do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Faculdade Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – FFCLRP/USP, Ribeirão Preto, Brasil; Docente no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.

E-mail: marciaregina@usp.br

Tradução: **Giulia Crippa**

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil; Docente do Departamento de Bens Culturais da Universidade de Bolonha, Itália; Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: giulia.crippa69@gmail.com

Lucia Sardo é formada em *Conservazione dei Beni Culturali* pela *Università degli Studi di Udine*, Itália (1998), e formou-se doutora em *Scienze bibliografiche* em 2004 pela mesma universidade. Possui mais de dez anos de experiência na docência, tendo atuado no ensino de Catalogação na *Università degli Studi di Firenze* e, atualmente, na *Università di Bologna*. Possui também experiência na coordenação de bibliotecas e em atividades de catalogação e digitalização documental. Lucia trabalhou em bibliotecas privadas e públicas e participou ativamente de diversas atividades coletivas, como a tradução da RDA (Resource Description and Access) para o italiano, bem como das suas atualizações. Participou do grupo de colaboradores do *RDA Toolkit Restructure and Redesign (3R) Project*. Na *Associazione Italiana Biblioteche*, Lucia participou do *Comitato di Catalogazione*, é membra do *Osservatorio della formazione* e do *Comitato scientifico per le biblioteche e gli archivi*, e atualmente coordena o *Gruppo di studio Catalogazione, indicizzazione, linked open data e web semantico* (CILW). Suas pesquisas são direcionadas para os estudos de Organização da Informação, principalmente nos temas relacionados à teoria da Catalogação, a história da Catalogação e as bibliotecas digitais.

InCID: No Brasil, a Catalogação¹ tanto compreende os estudos especializados na descrição dos aspectos extrínsecos de documentos, quanto aqueles voltados aos aspectos gerais de criação de metadados. Os aspectos extrínsecos são identificados como Catalogação Descritiva; já os aspectos intrínsecos são identificados como Catalogação de Assunto. Ainda faz parte do processo de catalogação a indicação dos dados de localização e acesso ao documento. Como a Catalogação é estudada na Itália? Qual abordagem é predominante?

Lucia Sardo: Na Itália, a situação da formação de catalogadores é uma questão muito sensível, especialmente para bibliotecas e empresas que oferecem serviços às bibliotecas, pois não é fácil encontrar pessoal adequadamente formado que possa ser colocado no ambiente de trabalho com um treinamento geral à altura das necessidades, ao qual obviamente deve ser acrescentada outra formação ligada a realidades específicas. Isto certamente se deve a muitos fatores, mas, sobretudo, ao fato de que não é fácil combinar aspectos teóricos e práticos. A Catalogação, em nível acadêmico, não é ensinada em muitos cursos, enquanto deveria fornecer uma base teórica sólida. Todavia, na realidade das bibliotecas, ela está se tornando em sua maioria uma atividade prática, onde o treinamento é delegado a catalogadores especializados ou a figuras não-acadêmicas. Como resultado, temos catalogadores que simplesmente aprendem a catalogar sem muitas vezes estarem cientes da complexidade da atividade a ser realizada. Talvez tenha se perdido a consciência de que o catálogo seja uma ferramenta complexa, ou assim deveria ser, e não uma mera acumulação de descrições às quais os pontos de acesso podem ser ligados. Além disso, o pessoal qualificado nem sempre tem tempo disponível para treinar aqueles que entram no mundo do trabalho. No lado acadêmico, os estudos teóricos são, se não raramente, acompanhados de treinamento prático, devido às dificuldades de se ter um software de teste no qual seria possível treiná-los. Tudo isso cria uma situação em que há uma grande necessidade de pessoal capacitado, mas não é fácil conseguir pessoas com uma base teórica sólida e pelo menos uma quantidade razoável de conhecimentos práticos.

No estudo da Catalogação, o aspecto descritivo tende a prevalecer, mesmo que em nível teórico também haja uma grande atenção aos aspectos de indexação semântica (há um debate sobre esta denominação, já que o termo está cada vez mais ligado ao conceito de web semântica e, portanto, se prefere utilizar indexação baseada no tema ou classificada). De todo modo, em minha opinião, existe uma certa falta de reflexão teórica sobre as questões gerais e se pensa

¹ Adotou-se a grafia Catalogação para referir-se aos estudos teóricos e catalogação para as atividades e os processos práticos.

apenas na implementação de ferramentas para auxiliar as práticas de indexação. Tudo isso leva ao risco de se criarem ferramentas que são muito válidas, porém completamente desconectadas da realidade do motor de busca e da forma como as pessoas buscam.

InCID: E quanto ao Ensino de Catalogação? Há uma diretriz nacional, ou indicação de carga horária mínima?

Lucia Sardo: No nível acadêmico não há diretrizes nacionais que forneçam amplas indicações sobre o conteúdo ou a carga de estudo. Cabe a cada universidade decidir como desejam projetar seu ensino. Atualmente, está sendo realizada uma pesquisa sobre todos os assuntos da área temática onde a Catalogação também se insere, um campo que inclui Bibliografia, Biblioteconomia e Arquivologia. Pessoalmente, fiz uma pesquisa nos conteúdos programáticos que estão disponíveis online e não encontrei nenhuma uniformidade, quer seja na ementa, na carga pedagógica ou na bibliografia indicada. O principal problema é, em minha opinião, fornecer uma base teórica sólida. Ao mesmo tempo, porém, seria útil fornecer alguma orientação prática. Junto com um colega, escrevi um artigo sobre esta questão há algum tempo e, dada a situação existente, pareceu-nos que a melhor solução seria fornecer uma ideia clara dos princípios, familiarizar os estudantes com padrões, regras e modelos conceituais e, em seguida, permitir-lhes compreender como funciona um software de catalogação para, assim, enquadrar-se em diferentes contextos de trabalho.

InCID: É possível identificar correntes filosóficas às quais a Catalogação está envolvida?

Lucia Sardo: Pessoalmente, acredito que os estudos teóricos sobre Catalogação, na Itália, sempre se concentraram muito na própria disciplina, portanto em aspectos relacionados exclusivamente a questões muito práticas, como a evolução das estruturas de catalogação e as formas em que a catalogação foi realizada. Também, em relação à Catalogação de Assunto, a Itália trabalhou muito na elaboração de ferramentas úteis para a catalogação, propriamente dita, e menos na Organização do Conhecimento, em um sentido amplo, apesar de esforços para se abrir às principais elaborações teóricas internacionais. Penso que isto está muito relacionado com a história e a realidade específica na qual estes estudos foram incorporados. De um ponto de vista mais geral, aqueles que lidaram e estão lidando com a Organização do Conhecimento são mais ativos na frente teórica, mas são menos centrais no debate sobre a Catalogação que

ocorre nas principais revistas do setor e em publicações destinadas a especialistas da área. A ISKO Itália, por exemplo, não tem uma circulação generalizada.

InCID: O cenário da Catalogação Descritiva passa por sensíveis modificações desde a publicação do FRBR. Como você avalia a Catalogação, no geral, e em específico na Itália, antes e depois do modelo conceitual?

Lucia Sardo: A publicação do FRBR, certamente, mudou radicalmente a abordagem da catalogação no mundo, como também na Itália onde, deve-se dizer, estivemos entre os primeiros a captar as novidades (por um lado aparente, por outro substancial) do modelo conceitual, organizando já em 1999 um seminário para apresentá-lo à comunidade profissional de bibliotecários.

Penso, sinceramente, que o FRBR seja um exemplo claro do que se chama de heterogênesse de fins, uma vez que foi concebido para um propósito que se desvaneceu completamente, ou, melhor, foi quase completamente esquecido, enquanto o modelo conceitual veio à tona e mudou a forma como olhamos para a Catalogação. Isto, especialmente no início de sua difusão, gerou um entusiasmo considerável na comunidade profissional, mas fez as pessoas esquecerem que não era uma novidade absoluta, mas uma maneira diferente de olhar para as mesmas coisas, para os mesmos dados que já haviam sido criados e usados antes. Digamos que, certamente, ajudou a ver melhor a realidade presente a partir de um ponto de vista diferente, o que ajudou a melhorar a qualidade dos dados do catálogo (ou, pelo menos, era esta a intenção).

Em particular, na Itália, o FRBR constitui a base teórica de Regole italiane di catalogazione (REICAT), o código nacional de catalogação, e, tal como ocorreu em outros países, levou à criação de catálogos FRBRizados e a uma tentativa de tornar os catálogos mais fáceis de usar. O foco nos modelos conceituais continuou e levou à tradução do modelo conceitual dedicado aos dados de autoridade e, sobretudo, à participação ativa no desenvolvimento do IFLA Library Reference Model (LRM), o novo modelo conceitual da IFLA, que também foi traduzido em um tempo realisticamente curto.

Os aspectos, talvez, mais problemáticos de tudo isso estão relacionados ao fato de os catálogos, que são criados usando o REICAT (e também o RDA, embora ainda esteja em um estágio inicial de uso e implementação), estarem, infelizmente, se tornando cada vez mais

marginais, em comparação com a realidade dos usuários e sua capacidade de usá-los como ferramentas de busca. Em outras palavras, estamos criando ferramentas muito complexas, baseadas nas chamadas funções do usuário (ou pelo menos alegando fazê-lo), mas as suposições sobre as quais as criamos os registros talvez devam ser repensadas, pois não respondem suficientemente às necessidades reais dos usuários, cujos modos de busca e necessidades deveriam ser estudados mais de perto.

Acredito que a Catalogação precisa repensar radicalmente sua função, especialmente em relação aos diferentes tipos de bibliotecas e, portanto, de usuários, e às diferentes ferramentas disponíveis para buscar informações sobre os recursos presentes nas bibliotecas ou tornados acessíveis por elas.

InCID: Qual enfoque da Catalogação está presente em seus estudos?

Lucia Sardo: Na Itália, os estudos sobre catalogação não são particularmente numerosos, neste período histórico específico. A atenção dos estudiosos da área está muito voltada para a Biblioteconomia, para o papel e a função das bibliotecas públicas e para a história dos livros.

Nos últimos anos tem havido muitos debates, em publicações e periódicos, sobre LRM, RDA, a criação e atualização do Nuovo Soggettario (a ferramenta utilizada para indexação de assuntos nas bibliotecas italianas) e, em parte, sobre a catalogação de recursos não-livros. Muito trabalho está sendo feito na catalogação de livros antigos, e de incunábulo, em particular, e há um grande foco em dados de cópia (livros antigos, Material Evidence in Incunabola (Mei²) etc.), com projetos de âmbito nacional para seu registro e compartilhamento. Finalmente, tem havido muito estudo e tradução do trabalho de Ranganathan, tanto aquele mais estritamente catalográfico quanto o mais relacionado à Biblioteconomia. Organizamos um seminário sobre sua figura para o 50º aniversário de sua morte, dedicado principalmente às suas reflexões não-catalográficas, para o qual colegas brasileiros também foram convidados.

Também deve ser dito que há uma grande atenção voltada para questões que são tangenciais aos estudos da Catalogação. Nesse sentido, muito trabalho está sendo feito para enriquecer os dados de Wikidata, graças, sobretudo, ao trabalho de alguns colegas que criaram

² https://data.cerl.org/mei/_search.

um grupo chamado GWMAB, dedicado ao treinamento no uso de Wikidata, sua disseminação e edithaton para enriquecer tanto a própria Wikidata quanto os catálogos com dados dela.

Pessoalmente, concentrei meus estudos e pesquisas inicialmente no conceito de controle de autoridade e em funções autoriais e não-autoriais na organização de catálogos e, em seguida, na catalogação descritiva. Atualmente, minha pesquisa se desenvolve sobre questões relacionadas aos modelos conceituais e às interações dos usuários com os catálogos. Simultaneamente, trabalho com a história da Catalogação anterior a Panizzi e com questões éticas relacionadas às práticas de catalogação. No que diz respeito à indexação e à classificação de assuntos, estou iniciando uma reflexão, baseada em análises quantitativas e qualitativas, sobre a importância de palavras-chave e das formas não-estruturadas de indexação para facilitar a disseminação da pesquisa e para fomentar a busca pelos usuários.

InCID: Nos conte sobre as perspectivas da Catalogação na Itália.

Lucia Sardo: Honestamente, esta é uma questão particularmente complexa, devido às peculiaridades da situação italiana. Em primeiro lugar, acho que posso dizer, sem medo de contradição, que na Itália existem basicamente duas escolas de pensamento sobre a Catalogação e isto, enquanto por um lado pode favorecer o diálogo e o crescimento do setor, por outro pode causar posições que dificultam o intercâmbio construtivo. Além disso, como a área temática é bastante ampla, e inclui diferentes especializações, a situação que se cria é de uma certa diferenciação que não é propícia ao compartilhamento de experiências e reflexões. A realidade da Catalogação, portanto, vê algumas reflexões mais abertas para o que está acontecendo no mundo anglo-americano (e no mundo tout court), ou seja, para a RDA, e uma reflexão mais ligada à tradição italiana, que se vê em REICAT sua principal expressão. A catalogação de livros antigos vê a centralidade de práticas e interesses que não dizem respeito ao resto da catalogação. Por exemplo, há um grande compromisso com a descrição de exemplares e, portanto, de dados de cópia enquanto, por outro lado, a questão da indexação de livros antigos ainda não foi abordada sistematicamente, uma vez são esperadas diretrizes por parte da agência bibliográfica nacional.

A catalogação de materiais não-livros e sua indexação, por exemplo, especialmente do ponto de vista da reflexão teórica e do compartilhamento de experiências, está lutando para encontrar atenção, e isto também é culpa nossa.

InCID: Como a relação entre a teoria e a prática está presente em sua atuação com a Catalogação?

Lucia Sardo: Pessoalmente, não venho catalogando há anos, mas tento manter um alto nível de atenção ao que há de novo em termos de práticas de catalogação. Esta situação é comum à maioria de meus colegas, e se deve ao fato de que as atividades práticas de catalogação estão intimamente ligadas aos softwares de catalogação e aos sistemas de bibliotecas que o utilizam; se você não faz parte de uma rede ou sistema não é fácil ter uma base de prova; além disso, a catalogação está frequentemente ligada às práticas locais, razão pela qual é difícil realizar atividades de catalogação sem o apoio de alguma instituição. O uso de softwares livres, como o MARCedit ou RIMMF, pode ajudar a manter um certo hábito de prática de catalogação, mas não pode substituir o trabalho real em uma biblioteca. Entretanto, estou convencida de que ter realizado atividades de catalogação em minha carreira profissional foi fundamental para ter uma visão mais completa da catalogação propriamente dita.

InCID: Como você relaciona os estudos de Bibliografia e de Catalogação?

Lucia Sardo: Após a grande época marcada pela obra de Alfredo Serrai, que constituiu um marco e definiu, essencialmente, um cânone no estudo da Bibliografia, pelo menos até o Século XIX, a Bibliografia na Itália é praticada marginalmente, embora haja reflexões sobre sua natureza e propósitos. No momento, do ponto de vista da Bibliografia como disciplina, existe uma bolsa de doutorado no território nacional para investigar a evolução da disciplina no Século XX e um projeto para criar uma biblioteca digital de recursos bibliográficos de livre acesso. Todavia, com a catalogação não há muito contato, fato que deve ser explorado mais em profundidade, pois acredito que as principais questões do futuro serão a relação entre as atividades bibliográficas e a catalogação. Penso que a situação atual necessite de maior reflexão, pois estamos diante da dificuldade de tornar utilizável ou, até mesmo, de dar a conhecer a existência de recursos que não estão fisicamente presentes e nem mesmo disponíveis, a menos que as bibliotecas paguem por eles. É, portanto, tanto uma questão bibliográfica quanto uma questão catalográfica de controle e gestão de toda aquela massa de recursos digitais potencialmente de grande interesse, mas não possuídos/comprados em pacotes digitais, tais como podcasts, vídeos etc.

InCID: Depois de mais de 10 anos da publicação do RDA, muitos países como o Brasil ainda utilizam quase que exclusivamente o AACR2. Qual sua visão a esse respeito?

Lucia Sardo: Pessoalmente, acho que o uso da AACR2 ainda hoje seja anacrônico, mas o mesmo acontece com o uso da ISBD para descrições bibliográficas ou a continuação da codificação de dados no formato MARC. Mas até que a RDA tenha atingido um nível de estabilidade que permita implementações locais, e até que perfis de aplicação sejam criados e, finalmente, até que os formatos de codificação de dados mudem em favor de padrões mais ágeis do que o MARC, acho que a mudança de padrões é de certa forma o menor de nossos problemas. Os verdadeiros problemas são os dos dados sujos, que tornam difícil identificar e selecionar o que é de interesse até mesmo para usuários especializados, assim como acontece com os catálogos, que são difíceis de usar, pouco amigáveis ou, ainda, pela inabilidade dos usuários sem a capacitação para seu uso da melhor maneira possível. Também, em minha opinião, é necessária uma reflexão muito séria e secular sobre a realidade da teoria da catalogação no século XXI, sobre a tradição que continuamos a manter, mas que, talvez, não responda mais às necessidades dos usuários. Penso que chegou a hora de perguntar por que catalogamos e para quem (os usuários de hoje e de amanhã? As máquinas? Para preservação? Por que isso sempre foi feito?), além de entender quais são as especificidades dos catálogos em comparação com as outras ferramentas de pesquisa disponíveis no mundo digital. Temo que haja uma estagnação, e pensar que é suficiente falar sobre metadados para resolver o problema talvez seja simplista e não chegue à raiz da questão.

Entrevista enviada em: dez. 2022